

(Transcrição)

Junho de 1973

Maria, humanidade realizada¹

Os jovens querem ser autênticos, sentem a necessidade de livrar-se de tudo aquilo que os impede de ser verdadeiros. Em Nossa Senhora havia apenas a autenticidade, porque nela não existia "Ela mesma" no sentido do negativo; existia: somente o desígnio de Deus para com ela, sem incrustações do homem velho.

De uma maneira geral, todos pensam, e os jovens de modo particular, que a mulher e o homem precisam necessariamente um do outro para serem completos e nada podem realizar por si só sem o complemento do outro sexo. Pois bem, Maria, que é sozinha, demonstra quanto esta ideia é falsa. Ela é nada menos que a esposa de Deus e foi mãe de Jesus na virgindade. Ela é completa, contém toda a humanidade: Deus a vê como o tipo da criatura humana, homem ou mulher, não importa; a criatura na sua perfeição que se completa na sua relação com Deus.

Se um rapaz ou uma moça procura estabelecer egoisticamente um relacionamento para se completarem reciprocamente, na realidade representam dois egoísmos que se somam; cada um deseja ser ele mesmo e por mais bonitas que forem palavras que se dizem, acabam se instrumentalizando. O homem e a mulher completam-se no relacionamento pessoal com Deus. Esta é a meta para quem pretende ser completo.

Mas se duas criaturas, superando ambas seus egoísmos, se unem no matrimônio, formando uma beleza nova para a vida da humanidade, isto já é diferente.

Quando Jesus fala de matrimônio, eleva o homem e a mulher na sua união à condição de colaboradores d'Ele; no entanto, diz também para eles: "E quem não deixa mulher e filhos não pode ser meu discípulo".

De modo que, embora o homem e a mulher se unam e se completem mutuamente na família, Deus deseja que cada um esteja sozinho com Ele, sendo completo em si.

Outra exigência muito sentida pelos jovens é a de superar certos esquemas opressivos de autoridade. Eles estão convencidos de que ninguém jamais poderá exercer bem a sua função diretiva a não ser em unidade com quem deve ajudá-lo. Descobre-se, praticamente, a necessidade de nos sentirmos corresponsáveis, porque antes de termos diferentes funções na sociedade, somos todos iguais, somos irmãos. O lado oposto e exasperado desta exigência insatisfeita é a anarquia, que atrai os jovens e que nega pela raiz, não só um certo modo de exercer a autoridade, mas todo e qualquer tipo de autoridade.

Pois bem, Maria, ainda que numa posição excepcional em que Deus a criou, fez-se obediente até mesmo naquelas coisas não necessárias. Por exemplo, foi ao Templo para ser purificada, ela a purificada por excelência, porque sentia que deveria respeitar a tradição, esperando que os tempos não amadurecessem. Maria nunca foi excêntrica.

Ela nos ensina que a transformação da sociedade não se verifica através de uma contestação global, que degenera na anarquia, mas aceitando, mesmo dolorosamente, os esquemas que achamos ultrapassados, sabendo que desta aceitação, embora difícil, sairá uma sociedade renovada.

Esta é a mudança radical que Maria nos sugere.

Outro exemplo diz respeito à moda unissex. Esta moda pretende também demonstrar a igualdade, a paridade entre os sexos e isto é válido. Existe nela, porém, uma atitude de fundo que não podemos aceitar: é um desejo de confundir os sexos, uma mistura que pode significar algo de absolutamente

1 Anotações de Chiara para uma palestra no VI Congresso Internacional dos gen 2, do livro A os gen, pág, edição brasileira;

negativo. É preciso reagir contra isso. Nossa Senhora era realmente do sexo feminino: era a mulher. Considerando-a nesta perspectiva, como mulher — e não como síntese e tipo da Humanidade — nos apercebemos que não fez confusão, ela assumiu plenamente o seu papel de mulher, sem confusão. Nela se destacam todas as características da feminilidade: é a autêntica mulher que serve a Deus com os seus talentos específicos, não querendo fazer a parte de um outro, mas fazendo a sua totalmente, completamente.

Outro costume que se estabeleceu entre os jovens foi o de vestir-se e comportar-se desleixadamente. E não só virou moda, mas exprime uma filosofia de vida. É como quem diz: não me interessam as riquezas, as conveniências, a etiqueta, não somos escravos de nada. E isso é positivo. Mas não é igualmente positivo aquele senso de desordem que torna difícil o relacionamento com os outros e faz com que eles não se sintam à vontade.

Também para tal, Maria é a resposta: ela era a pobreza personificada. Não tinha nada. Em Belém teve apenas um estábulo para dar à luz o seu filho; era mulher de um carpinteiro. Todavia não podemos pensar que não tivesse cuidado com a sua pessoa e com a de Jesus. Podemos pensar que tenha sido ela a preparar para Jesus aquela valiosa túnica que, aos pés da cruz, foi sorteada e não dividida, porque feita de uma única peça. A pobreza de Maria não significava desleixo, desarmonia. Era uma pobreza autêntica, sinônimo de simplicidade, que é beleza. Nada é tão pobre como a natureza, como o mar, como uma flor, um fio de relva, mas nada é tão belo como o deserto, uma flor, a relva... É esta a pobreza, é esta a simplicidade que Maria nos ensina e que corresponde às aspirações dos jovens.

Que dizer da exigência de profunda espiritualidade que existe nos jovens, da sua busca, dos valores do espírito, de qualquer coisa que dê sentido à vida? Os jovens de hoje sentem instintivamente esta exigência de oração, de meditação, num mundo que tem como critério de valor a ação. Por isso, os ocidentais se dirigem ao Oriente, que tem uma mística fascinante. E vão para lá esperando descobrir o valor da interioridade. Nossa Senhora foi sempre considerada o tipo da contemplativa por excelência, ainda que nós a consideremos "ativa", porque era mãe, porque teve uma parte ativa na Igreja depois da morte de Jesus; mas em Maria a ação não estava dissociada da contemplação.

Esta busca de espiritualidade encontra nela a solução. Se os jovens penetrarem profundamente na vida de Maria encontrarão o infinito abismo da sua interioridade.

Outra característica do mundo contemporâneo é o desejo de viajar para romper a monotonia do quotidiano, para inventar uma vida mais variada quando não se tem a possibilidade concreta de viajar ou quando se considera que se transferir de para Londres ou de Londres para Nova Iorque é muito pouco, então tenta-se sair da dimensão quotidiana, por meio da droga, que é a última expressão negativa desta necessidade de viajar.

Embora seja uma comparação um tanto ousada, quem satisfaz o desejo de fazer da vida uma aventura, uma viagem, é ainda Maria, porque todos os seus planos caíram por terra e ela seguiu os planos de Deus. E não de uma forma "normal", pois até anjos se apresentaram a ela e a seu esposo... Não há dúvida de que a vida de Maria foi uma verdadeira viagem até a Assunção, que ficará sempre para além de todos os sonhos e realizações possíveis daqueles que desejam "viajar". Pensemos na Anunciação — bastaria só isso — ou no nascimento do Menino Jesus ou nos Magos que vão levar os seus presentes naquele estábulo. Pensemos em Maria durante a vida pública de Jesus ou quando, aos pés da cruz, se encontra com o filho em seus braços, morto — Ele que era Deus — e se torna mãe da humanidade; e por fim, pensemos na Assunção ao céu. Em contato com realidades sobrenaturais tão profundas se sente a limitação ou o absurdo de outras "viagens"; uma só viagem deve ser considerada importante: a viagem com ela já desde esta vida até o Céu.

E por fim um dos fenômenos mais típicos da última década: os jovens sentem que devem mudar as velhas estruturas, e têm razão, porque há nelas qualquer coisa de ultrapassado, de estagnado, que denota

falta de vida. As estruturas que conhecemos são estruturas que muitas vezes violentam o homem, porque pretendem impor um certo resultado.

Maria, ainda adolescente, foi contra um dos costumes do seu povo: enquanto as jovens hebreias se casavam e aspiravam à família, à maternidade, ela se consagra virgem a Deus. Sendo hebreia, fazia parte da sinagoga e portanto dos costumes do Antigo Testamento. Maria, no entanto, para seguir Jesus ultrapassa esta condição; sai do Velho Testamento para entrar na nova lei, a de Jesus. Deixa o sistema das leis antigas para tornar sua discípula, para se inserir na estrutura trazida pelo Seu filho. Ninguém como Maria pode compreender a exigência dos jovens de mudar as velhas estruturas e pode orientá-los para a Igreja, a estrutura que torna possível a vida da Trindade na terra.

Chiara Lubich